

Manifestação de preocupação sobre a adesão da USP ao ENADE

A USP deveria mesmo participar do ENADE? Avaliações como o ENADE não somente trazem informações sobre um curso, elas também interferem ativamente nos cursos. Avaliações têm benefícios, custos e riscos. A boa gestão obriga avaliar cuidadosamente, com argumentos e evidências, se os custos e riscos valem os benefícios. Talvez seja contraintuitivo, mas a pergunta mais importante a fazer sobre testes educacionais é: por que seria melhor aplicar o teste do que não aplicar?

Benefícios

Certamente é estranho a USP ser a única universidade pública que não participa do ENADE. Porém, o argumento que isso prejudicaria nossos alunos é fraco. A USP participa normalmente de programas federais como PIDID. É um argumento também inconsistente, já que a USP, também como única universidade, não participa do SiSu, algo que de fato prejudica nossos alunos¹. A desobrigação de cursos bem-avaliados pelo ENADE de dialogar com especialistas de fora ao pedir a renovação do reconhecimento, ao meu ver, não é um benefício mas uma oportunidade perdida.

Se comparar com outros cursos no Brasil é benéfico para qualquer curso de graduação, mas este benefício deve ser defendido com argumentos substanciais acerca da qualidade, validade e confiabilidade do ENADE, não meramente com argumentos políticos e administrativos. Engajando com os argumentos substanciais, veremos que o ENADE não traz informação útil além daquela que já temos (seja a nossa infraestrutura, títulos dos nossos docentes ou nota ENEM dos ingressantes). Pior: o ENADE traz informação ruidosa que não serve para boa gestão educacional.

Custos

Há custos operacionais e a carga de trabalho extra para as Coordenações de Curso, em detrimento das suas principais responsabilidades de apoiar seus estudantes e zelar pela qualidade do curso. Esta carga extra é especialmente preocupante para as CoCs das licenciaturas, que participam anualmente, não somente do ENADE teórico mas também na organização da avaliação prática do ENADE. Para os nossos estudantes o ENADE representa mais uma barreira artificial para pular antes da colação de grau, em troca de muito pouco².

Mas de longe o custo maior da participação da USP é que isso legitima uma avaliação ruim, sujeita as CoCs a arbitrariedades e vai desobrigar a USP implementar sua própria avaliação dos cursos (veja minha sugestão no final deste documento).

¹ Estudantes das licenciaturas da USP não podem usufruir da bolsa “pé de meia licenciaturas” e o PRG deveria lutar para resolver isso.

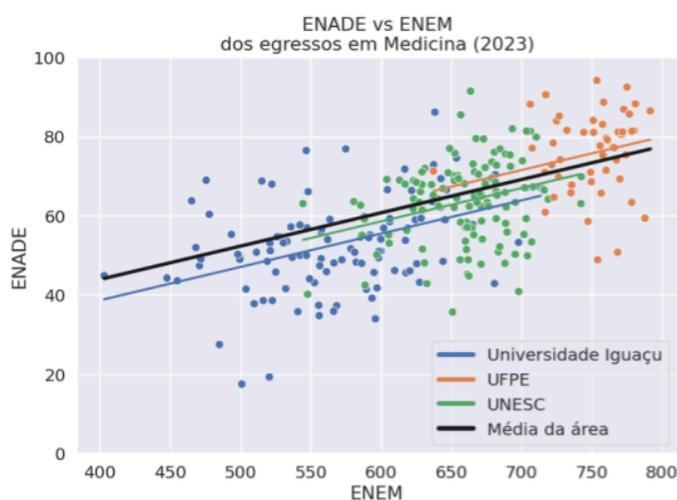
² Nossos estudantes certamente vão preferir participar voluntariamente do ENADE, para um eventual uso da nota para fins de concursos públicos, ao invés de ser obrigados.

Riscos

Um risco fundamental são os potenciais efeitos adversos de uma avaliação de má-qualidade sobre a qualidade dos cursos da USP. Testes como o ENADE são curtos e limitados por razões práticas, o que pode levar a incentivos perversos como o estreitamento do currículo ou *teaching to the test*. Componentes curriculares essenciais, mas difíceis de avaliar por meio de testes simples, serão prejudicados³. Desde 2024 o ENADE está tendendo a virar uma prova de concurso, piorando ainda mais a possibilidade de servir para avaliação sistêmica (provas de seleção de indivíduos devem ser iguais para todos para evitar judicialização, o que limita severamente a abrangência curricular das questões).

Dados do ENADE mostram que o exame traz informações muito ruidosas e que diferenças entre cursos são sobretudo associadas à seletividade do curso, não a sua qualidade. Assim, o ENADE não traz informação nova mas meramente mostra a obviedade que alunos com notas altas no ENEM também obtêm notas altas no ENADE. A 10% de variância que pode ser associada ao curso vai se transformar em indicadores por curso muito ruidosos, sobretudo para cursos com poucos egressos.

O ENADE traz pouca informação além do ENEM dos ingressantes



O curso é associado somente com 10% da variância do ENADE.

Não há forma estatisticamente confiável de comparar ou distinguir cursos, além do efeito ENEM dos ingressantes.

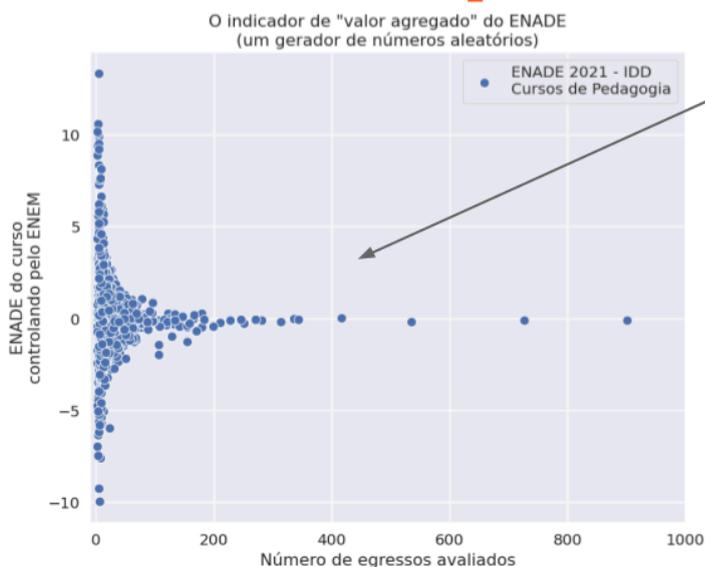
Não devemos basear política educacional em ruído.

O resultado disso é a não-confiabilidade do principal indicador de qualidade usado pelo INEP, o IDD ou “valor agregado”. Entre 2014 e 2022, a aleatoriedade foi exacerbada por causa de um erro do INEP e consertado dois anos após ser alertado por um pesquisador da USP. O indicador atribuído a cursos pequenos era completamente aleatório e para cursos grandes, necessariamente se aproximava à média geral, como

³ Como exemplo, os cursos nas áreas exatas da USP valorizam muito as habilidades experimentais, usando laboratórios didáticos muito bem equipados, mas a matriz de competências do ENADE não inclui este componente curricular, criando o incentivo perverso de desestimular investimentos nestas disciplinas.

mostrado no gráfico abaixo pelo funil típico. O fato de esta situação persistiu por quase uma década mostra que, francamente, o ENADE não exerce sua função “indutora de qualidade”.

Indicadores de qualidade muito instáveis

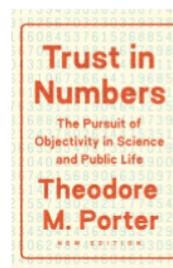


É o comportamento de um indicador igual para todos os cursos + ruído.

Imagine ser um coordenador de curso sendo cobrado por um indicador que, essencialmente, é aleatório.

Métricas não podem substituir juízo.

Dirigentes não devem terceirizar gestão a números “objetivos”.



Perguntas

Tendo em visto estas preocupações, são perguntas apropriadas:

- Como e com quais recursos materiais a PRG pretende apoiar as CoCs na operacionalização do ENADE?
- Caso aderir ao exame, como a PRG pretende acompanhar e avaliar eventuais efeitos adversos? Quais consequências os resultados terão para os cursos da USP?
- O INEP fornece evidências e estudos sobre a validade e confiabilidade do ENADE? Existem estudos que mostram a validade das interpretações dos resultados do ENADE além da mera associação com a seletividade do curso (e desempenho dos ingressantes em vestibulares como o ENEM)?
- Cursos de ensino superior, muito mais do que o ensino básico, tem objetivos muito diversos, razão pelo qual nenhum outro país no mundo avalia seus cursos terciários por meio de testes de desempenho padronizados. Até a OCDE, conhecida como proponente de gestão por métricas, criticou duramente o uso do ENADE para fins de regulação. Para justificar a imposição administrativa, o INEP fornece evidências da validade do exame para os fins pretendidos de indutor de qualidade do ensino superior?
- Desde 2024, o ENADE está sendo posicionado cada vez mais como exame com consequências altas, inclusive para os estudantes individualmente. Como o INEP lida com as dificuldades psicométricas de desenhar o mesmo exame válido tanto para fins de monitoramento de grupos como para fins de avaliação individual?

- As questões das provas de 2024 são mantidas em sigilo até agora. Como o INEP se responsabiliza perante a sociedade pela qualidade das questões?

Sugestões

A USP deveria instituir uma comissão de acompanhamento do ENADE, formada por especialistas em avaliação educacional, representantes das CoCs e outros interessados, para fazer uma avaliação substancial dos benefícios, custos e riscos do ENADE, ao invés de depender somente de argumentos políticos e administrativos.

Avaliações legítimas de cursos de graduação não podem se limitar a avaliações padronizadas gerando números. Ao invés disso, ou além disso, deve haver diálogo entre as partes, inclusive de fora. É preciso criar um processo de entrevistas estruturadas, ou espaços de diálogo, onde os pares aprendem com a experiência dos outros. A participação deste processo de avaliação deve ser reconhecida e valorizada. Os pares naturais dos cursos da USP são cursos similares da USP, das universidades estaduais e federais públicas.

Contato: Ewout ter Haar - ewout@usp.br